



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I, CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)  
DEPARTAMENTO LETRAS E ARTES (DLA)  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS- LÍNGUA PORTUGUESA**

**ADRIANA MARCIA DE PONTES SOUTO**

**UMA ANÁLISE DO ENSINO NA PÓS-PANDEMIA NAS TURMAS DO SEXTO ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

ADRIANA MARCIA DE POTES SOUTO

**UMA ANÁLISE DO ENSINO NA PÓS-PANDEMIA NAS TURMAS DO SEXTO ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
(artigo) apresentado ao Departamento de  
Letras e Artes da Universidade Estadual da  
Paraíba – UEPB, como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciado em Letras -  
Língua Portuguesa.

**Área de concentração:** Educação.

**Orientador:** Prof. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro.

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S726u Souto, Adriana Marcia de Pontes.

Uma análise do ensino na pós-pandemia nas turmas do sexto ano do ensino fundamental II na perspectiva dos docentes [manuscrito] / Adriana Marcia de Pontes Souto. - 2023.

32 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Maria do Socorro Moura Montenegro, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC. "

1. Ensino fundamental. 2. Ensino remoto. 3. Aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 372

ADRIANA MARCIA DE PONTES SOUTO

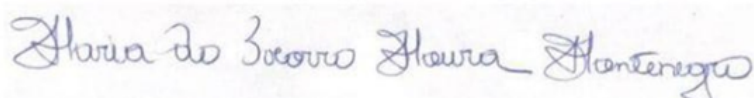
**UMA ANÁLISE DO ENSINO NA PÓS-PANDEMIA NAS TURMAS DO SEXTO ANO  
DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES**

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC  
(artigo) apresentado ao Departamento de  
Letras e Artes da Universidade Estadual da  
Paraíba – UEPB, como requisito parcial à  
obtenção do título de licenciado em Letras -  
Língua Portuguesa.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 16/03/2023.

**BANCA EXAMINADORA**



Prof. Dr. Maria do Socorro Moura Montenegro (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosário Germano Gomes Maciel  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Dalva Lobão Assis  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Dedico este trabalho a duas pessoas muito importantes em minha vida: meu marido, Givaldo Azevedo Dias, que me incentivou e não me deixou desistir em meio às dificuldades da vida; e a meu filho, Francisco Caetano Pontes Dias, minha motivação diária.

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>  | <b>06</b> |
| <b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b>   | <b>07</b> |
| 2.1 O ensino Fundamental II: uma nova etapa na vida do pré-adolescente   | 07        |
| 2.2 O ensino remoto na Educação Básica de 2020 a 2021: breves considerações  | 08        |
| 2.2.1 Do ensino remoto ao presencial: propostas de reflexão em um pós-pandemia em 2023   | 10        |
| <b>3 LETRAMENTO NA PRIMEIRA SÉRIE DO FUNDAMENTAL II: A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES NO ALUNO DO 6º ANO</b> | <b>11</b> |
| 3.1 Leitura  | 12        |
| 3.2 Escrita  | 14        |
| <b>4 METODOLOGIA</b>   | <b>15</b> |
| <b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b>   | <b>16</b> |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>  | <b>25</b> |
| <b>REFERÊNCIAS</b>   | <b>26</b> |
| <b>APÊNDICES</b>   | <b>28</b> |
| <b>AGRADECIMENTOS</b>  | <b>29</b> |

## **UMA ANÁLISE DO ENSINO NA PÓS-PANDEMIA NAS TURMAS DO SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL II NA PERSPECTIVA DOS DOCENTES**

### **POST-PANDEMIC: AN ANALYSIS OF TEACHING IN CLASSES IN THE SIXTH GRADE OF MIDDLE SCHOOL FROM THE TEACHERS' PERSPECTIVE**

Adriana Marcia de Pontes Souto<sup>1</sup>

#### **RESUMO**

O presente trabalho tem por objetivo geral, refletir os efeitos do ensino remoto no aprendizado dos alunos do 6º ano do fundamental II, sob a perspectiva dos docentes do componente de Língua Portuguesa de uma escola municipal localizada na cidade de Pedra Lavrada-PB. Mas especificamente, investigar os problemas enfrentados pelos professores no ensino no período pós pandêmico e compreender as principais lacunas deixadas pela pandemia no aprendizado das turmas da primeira série do fundamental II no âmbito da leitura e escrita. Desta forma, este artigo foi desenvolvido a partir de um estudo qualitativo de base exploratória e está fundamentada nas obras de alguns teóricos(as), entre eles(as), Antunes (2003), Castro et al (2015), Lopes (2020), Lacerda e Greco Junior (2021) e os documentos oficiais sobre o ensino como PCNs. Após a análise das entrevistas com os professores, concluímos que o ensino remoto teve problemas, visto o imediatismo que existiu para colocá-lo em prática, porém, foi uma alternativa eficaz para que a educação não ficasse estagnada de 2020 a 2021. Em face disso, percebeu-se que os alunos que tiveram acesso à internet e as tecnologias da informação para acompanhar as aulas online, bem como os que foram devidamente auxiliados pelas famílias, conseguiram desenvolver seu aprendizado dentro do possível. Sendo assim, embora o ensino remoto tenha sido problemático, podemos considerá-lo um aliado da educação nesses dois anos de pandemia.

**Palavras-chave:** Ensino fundamental. Ensino remoto. Aprendizagem.

#### **ABSTRACT**

The present work has the general objective of reflecting the effects of remote teaching on the learning of students of the 6th grade of middle school, from the perspective of the teachers of the Portuguese Language component of a municipal school located in the city of Pedra Lavrada-PB. More specifically, to investigate the problems faced by teachers in teaching in the post-pandemic period and to understand the main gaps left by the pandemic in the learning of the first grade classes of middle school in the field of reading and writing. In this way, this article was developed from a qualitative study with an exploratory base and is based on the works of some theorists, among them, Antunes (2003), Castro et al (2015), Lopes (2020), Lacerda and Greco Junior (2021) and the official documents on teaching as

---

<sup>1</sup> Aluna Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB.

PCNs. After analyzing the interviews with teachers, we concluded that remote teaching had problems, given the immediacy that existed to put it into practice, however, it was an effective alternative

so that education would not be stagnant from 2020 to 2021. Furthermore, it was noticed that the students who had access to the internet and information technologies to follow the online classes, as well as those who were properly assisted by the families, were able to develop their learning as much as possible. Therefore, although remote teaching has been problematic, we can consider it an ally of education in these two years of the pandemic.

**Keywords:** Elementary school. Remote learning. Apprenticeship.

## 1 INTRODUÇÃO

No final de 2019, o mundo se deparou com a pandemia do novo coronavírus, a qual acarretou problemas em todos os setores da sociedade. Com isso, várias instituições se adaptaram a novas formas de funcionamento. E, em se tratando da educação, não foi diferente, visto que houve a necessidade de paralisar as aulas presenciais e, sendo assim, adotou-se o Ensino Remoto Emergencial como alternativa para que a educação não ficasse estagnada em 2020.

Desta forma, a presença física foi substituída pela virtual, o que gerou mudanças na rotina de professores, alunos e família. Diante desse cenário, percebemos que o uso das tecnologias da informação para o ensino expôs ainda mais as desigualdades sociais e econômicas presentes no país, visto que muitos alunos não tinham acesso à internet, muito menos um aparelho celular para acompanhar as aulas em tempo real, afetando, assim, a aprendizagem desses alunos.

Em face dessa discussão, como objetivo geral deste trabalho, refletir os efeitos do ensino remoto no aprendizado dos alunos do 6º ano do fundamental II, sob a perspectiva dos docentes do componente de Língua Portuguesa de uma escola municipal localizada na cidade de Pedra Lavrada-PB. Mais especificamente, investigar os problemas enfrentados pelos professores no ensino no período pós-pandêmico; analisar o nível de aprendizagem dos alunos do sexto ano oriundos do ensino remoto no âmbito da leitura e escrita; e, em terceiro lugar, compreender as principais lacunas deixadas pela pandemia no aprendizado dos estudantes da primeira série do fundamental II.

A fim de refletir sobre a atual situação do ensino, é imprescindível ressaltar que as turmas em destaque neste trabalho científico são resultantes de dois anos de ensino no formato remoto, por isso elaboramos um tópico contextualizando o período da pandemia do covid-19. Desta forma, esta produção foi desenvolvida a partir de uma pesquisa de cunho exploratório, fundamentada sob a fundamentação teórica dos textos de Antunes (2003), Castro et al (2015), Lopes (2020), Lacerda e Greco Junior (2021), dentre outros. Fundamenta-se, ainda, nos documentos oficiais sobre o ensino remoto emergencial que contribuíram para a construção deste trabalho sobre o campo de atuação dos professores de Língua Materna, no sexto ano do fundamental II.

Como instrumento de coleta de dados, foi elaborado um questionário com um total de 5 (cinco) perguntas direcionadas aos professores de Língua Portuguesa que



atuaram em turmas do sexto ano do ensino fundamental II no ano letivo de 2022, portanto, no período pós-pandemia, em uma escola municipal localizada em Pedra Lavrada-PB. Nesse sentido, buscamos 4 (quatro) docentes, porém, dessa quantidade, apenas 2 (dois) responderam e enviaram as respostas dentro do prazo estipulado para a pesquisa.

A organização deste artigo se deu da seguinte forma: o capítulo 2 contém os seguintes subtópicos: breves considerações sobre o sexto ano do ensino fundamental II; o ensino remoto nos anos de 2020 a 2021, bem como a saída do remoto ao presencial. O terceiro falará sobre a importância dos conteúdos de língua portuguesa, que conterá subtópicos referentes à leitura e escrita. Já no quarto veremos os resultados e discussões do questionário que aplicamos a esses(as) dois professores (as). E, por último, encontram-se as considerações finais e as referências dos aportes teóricos utilizados para a produção deste trabalho.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 O 6º ano do Ensino Fundamental II: uma nova etapa na vida do pré-adolescente.**

No ensino fundamental II o aluno entra criança e sai adolescente, portanto essa é uma etapa muito importante na vida escolar desse indivíduo, haja vista que ele passa por mudanças essenciais em sua vida, sobretudo, a transição da infância para adolescência, acarretando mudanças comportamentais e corporais que contribuem com o aumento das emoções e sentimentos vividos pelo aluno/adolescente. Nesse sentido, de acordo com Paula et al (2018):

Esta fase é de descobertas e muitos sentem dificuldades para lidar com tantos sentimentos e mudanças. O adolescente vive a fase de oposição ao que representa a infância, ao mesmo tempo em que apresenta inúmeros sinais e clamores pelo colo perdido. Nesta etapa especial vivida pelo estudante, dosar palavras e atitudes, acompanhar e atentar para alterações comportamentais, acaba prevenindo conflitos e estabelece um fluxo natural no processo de transição do 5º para o 6º ano. Pode parecer fácil, simples e corriqueira, porém, agregada a tantos outros possíveis problemas, essa fase torna-se um divisor de águas na vida estudantil do mesmo, podendo tanto impulsioná-lo rumo ao sucesso como interromper sua jornada e estacionar sua vida escolar. (PAULA et al, 2018, p.42)

Nessa perspectiva, quando ocorre essa transição do ensino fundamental I para o II notamos mudanças notórias em diversos aspectos da vida do discente. Desta forma, a passagem entre esses níveis requer esforço adaptativo tanto do aluno quanto dos profissionais envolvidos, pois cabe à escola preparar essa transição e auxiliar os estudantes nesse processo, é essencial que os alunos do quinto ano sejam preparados e instruídos ao longo do ano letivo, para se ambientarem com o sistema de ensino do ano seguinte.

Nessa nova fase, ou seja, no ensino fundamental II, o discente enfrenta desafios mais complexos, pois passa a estudar com disciplinas específicas e com vários professores, como destaca o Parecer CNE/CEB nº 11/2010,

Os alunos, ao mudarem do professor generalista dos anos iniciais para os professores especialistas dos diferentes componentes curriculares, costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais. (BRASIL, 2010)

Sendo assim, a meu ver, o desafio do aluno do sexto ano do Fundamental II, é desenvolver uma performance autônoma e protagonista no processo de ensino e aprendizagem. Diante do exposto, a autora Paula et al (2018) salienta que:

Nesse processo, eles enfrentarão alguns obstáculos e dificuldades porque ainda estão acostumados com a rotina, mas essa responsabilidade maior vai surgir exatamente junto ao processo de transição, quando os professores definirem um padrão de rotinas quanto às tarefas, à lição de casa, aos trabalhos, à metodologia da aula, às avaliações, às regras e aos acordos, além de clareza no estabelecimento das consequências para a quebra das regras e dos acordos. (PAULA et al, 2018, p.45)

Ou seja, o discente precisa se adaptar ao novo padrão de cobranças de conteúdo, bem como à nova rotina de estudos. Nesse sentido, essa nova fase visa aprimorar o senso de responsabilidade e organização desse aluno/adolescente.

Portanto, fica evidente que essa transição é complexa para o aluno, por envolver diversas mudanças, entre elas, a estrutura curricular, o perfil dos novos docentes e as novas experiências dos próprios discentes. Por isso, é preciso permitir que a transição ocorra de forma tranquila e equilibrada para não exagerar ou faltar a confiança do aluno, rendendo, assim, atitudes positivas para que eles consigam enfrentar a nova etapa em sua vida estudantil.

## **2.2 O Ensino Remoto na Educação Básica de 2020 a 2021: breves considerações.**

No final de 2019, o mundo se deparou com uma situação bastante complicada: uma pandemia causada por um novo Coronavírus, o qual ficou conhecido por COVID19<sup>2</sup>. Essa situação de saúde pública ainda se faz presente em 2022, mesmo com um controle e a volta de muitas atividades presenciais. Foram várias tentativas para evitar a disseminação do vírus. Uma delas foi manter o isolamento social, na tentativa de diminuir o número de mortes e de circulação do vírus.

Lamentavelmente, com isso, muitos departamentos e comércios sociais precisaram se adaptar a novas formas de funcionamento - e com a educação não foi diferente. Sobre essas novas adaptações, a educação brasileira (pública e privada) adotou, em caráter emergencial, o ensino remoto. Baseado no que propõe Behar (2020), o termo “remoto” significa distante no espaço, ou seja, refere-se a um distanciamento geográfico. Por isso, o ensino é classificado como remoto, porque os professores e estudantes foram impedidos por meio de decreto de comparecer de forma presencial às escolas, a fim de evitar a propagação do vírus.

Essa alternativa de ensinar remotamente está prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educacional Nacional<sup>3</sup>, (LDBEN), nº 9.394/96, de 1996, que, ao tratar da

<sup>2</sup> A COVID19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um Beta coronavírus descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos. Fonte: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>

<sup>3</sup> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB 9394/96) é a legislação que regulamenta o sistema educacional (público ou privado) do Brasil da educação básica ao ensino superior. A LDB é a mais importante lei brasileira que se refere à educação.

organização do ensino fundamental menciona: "O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizado como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais", (Art 32, parágrafo 4º da LDB/96). No cenário pandêmico, essa forma de ensino foi considerada emergencial porque, de repente, os profissionais da educação, assim como os pais e alunos precisaram se adaptar a essa nova rotina de ensino/aprendizagem.

Esse momento desafiador modificou o exercício da docência, visto que os profissionais precisaram se reinventar, pois muitos não estavam preparados nem capacitados para esse novo modelo de ensino. Nas palavras de Souza (2020 p. 4), "o ensino remoto se tornou um desafio para esses profissionais que precisaram aprender na prática a usar as tecnologias da informação e comunicação, para desenvolver as suas aulas". Conseqüentemente, a adesão às tecnologias digitais se tornou indispensável.

Com isso, os profissionais da educação foram obrigados a aprender a usar essas ferramentas, pois a sala de aula presencial foi substituída por uma virtual. O contato físico passou a acontecer por meio de vídeo chamada ou videoconferência disponíveis em algumas plataformas digitais. A respeito dessa nova adaptação dos profissionais da Educação, novos procedimentos metodológicos e novas didáticas para tornar essas aulas menos cansativas e mais proveitosas tiveram que vir à tona obrigatoriamente. Por base nisso, Lacerda e Greco Junior (2021, p.27) acreditam que "a pandemia obrigou os educadores não apenas a adotarem aplicativos digitais e recursos tecnológicos, mas acima de tudo possibilitou uma (re)análise das atividades, [...]".

Na prática, o ensino remoto ocorreu por meio de plataformas virtuais (a mais usada foi o Google Meet), pela qual o professor ministrava sua aula de forma on-line, acompanhado pelos estudantes em tempo real. Essa estratégia foi usada para evitar atrasos no progresso escolar e pôde ser colocada em prática nos diferentes níveis de ensino, ou seja, do ensino básico ao superior. As tecnologias da informação e comunicação proporcionaram a interação entre professor e aluno durante a pandemia do coronavírus por meio de softwares que disponibilizam compartilhamento de tela, vídeos e áudios, além de chats para conversas.

Diante desse cenário, o grande desafio foi propiciar uma educação igualitária para todos os estudantes brasileiros, em um país cujo nível de desigualdade social e econômica é alarmante. Questões como falta de acesso à internet de qualidade, manuseio de equipamentos adequados, além do baixo índice de letramento digital, tudo isso se tornou cada vez mais evidente. Por esta razão, as instituições educacionais necessitaram adotar outras medidas para incluir, no processo de ensino, os alunos afetados por algum desses problemas citados acima.

Como resultado, o corpo docente elaborou apostilas que continham atividades para serem respondidas pelos alunos dentro de um prazo determinado e entregue no espaço físico escolar. A título de exemplo, escolas do município de Pedra Lavrada- PB são, um dos exemplos de instituições, que elaboraram esse sistema de apostilas para os alunos no período de ensino remoto. Além desse feito, a equipe gestora, tomando todos os cuidados sanitários, disponibilizou os computadores do laboratório de informática para que os alunos da zona urbana, que não tinham acesso à internet, acompanhassem a aula em tempo real.

Desta forma vê-se que o ensino remoto exigiu que os professores, alunos e familiares se adaptassem e se reinventassem para prosseguir com o ensino. Os desafios foram muitos, principalmente em relação ao uso das tecnologias digitais na perspectiva didática e metodológica para o ensino e aprendizagem. Pois, devido ao

imediatismo, não houve tempo para uma formação adequada, então todos foram aprendendo juntos a usar essas ferramentas.

### **2.2.1 Do Ensino Remoto ao Presencial: propostas de reflexão em um pós-pandemia em 2022.**

Como já foi dito acima, o ensino remoto foi adotado em caráter emergencial para que fosse possível manter as atividades educacionais ativas durante a pandemia do Coronavírus – COVID19. As Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)<sup>4</sup> tornaram-se ferramentas pedagógicas de extrema importância desde os primeiros decretos estaduais em meados de março de 2020.

Com o passar dos meses e a diminuição do número de mortes, as instituições de ensino começaram a elaborar o plano de volta às aulas presenciais. Com isso, muitas instituições de ensino optaram pelo ensino híbrido ou, como também é conhecido, por semipresencial, diferentemente do Ensino à Distância - EAD. E, sobre o conceito de ensino híbrido, Horn e Staker (2015, p.34, apud CASTRO et al. 2015, p. 50) afirmam que “ensino híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino on-line, com algum elemento de controle dos estudantes sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo”. Assim sendo, a educação híbrida traz um novo conceito e formato para o ensino, visto que professor e aluno estão interagindo e aprendendo em tempos e lugares distintos.

Em relação ao uso das TICs no ensino híbrido, Castro et al. (2015, p. 48) discorre acerca de que:

O acesso às tecnologias é outro fator preponderante para o a implantação do ensino híbrido. Os alunos e professores precisam familiarizar-se com as tecnologias existentes e desenvolver a capacidade de manipular, interagir e produzir conteúdo dentro do ambiente virtual para que as atividades interativas on-line tenham sucesso. Temos consciência de que, embora, muitos alunos tenham familiaridade com as novas tecnologias, é preciso que eles sintam a necessidade de utilizá-las voltada para os ambientes educacionais (CASTRO et al. 2015, p. 48).

Diante do cenário pandêmico, essa combinação da aula presencial com aula virtual tem, como prioridade, manter o menor número possível de alunos em sala de aula, propiciando o distanciamento desejado pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Dessa forma, houve o revezamento de alunos, de modo que, enquanto determinado número participava da aula presencial, a outra metade da turma assistia à aula no formato virtual.

Existem diversas questões, tanto positivas quanto negativas, que atingem o ensino híbrido, o qual não se resume a uma mistura de on-line e presencial, mas uma forma de ensinar e aprender de forma diversificada, visto que é possível oferecer inúmeras oportunidades e metodologias para tornar a aula dinâmica e diversificada com essa modalidade tecnológica. Porém, a educação nunca foi tão segregadora quanto no período da pandemia e, conseqüentemente, no ensino

---

<sup>4</sup> **Tecnologia da informação e comunicação (TIC)** pode ser definida como um conjunto de recursos tecnológicos, utilizados de forma integrada, com um objetivo comum. As TICs são utilizadas das mais diversas formas, na indústria (no processo de automação), no comércio (no gerenciamento, nas diversas formas de publicidade), no setor de investimentos (informação simultânea, comunicação imediata) e na educação (no processo de ensino aprendizagem, na Educação a Distância). Fonte: <https://www.infoescola.com/informatica/tecnologia-da-informacao-e-comunicacao>.

híbrido, pois inúmeros estudantes não tinham sequer um celular, muito menos acesso à internet de qualidade para participar das aulas virtuais.

Depois de quase dois anos no formato remoto, no início de 2022, as instituições de ensino voltaram às aulas 100% presenciais, com todos os cuidados sanitários recomendados pelos órgãos de saúde. Além disso, foi preciso que os profissionais da educação e os alunos, bem como uma grande parte da população estivessem vacinados.

Com a volta do ensino presencial, de imediato notou-se os prejuízos do ensino remoto. Por isso, Lopes (2020) já demonstrava preocupação com os estudantes sem acesso à internet, especialmente em relação ao seu retorno ao ensino presencial. Precedentemente, o autor também demonstrou sua preocupação relacionada com o abismo social e intelectual que acometerá os estudantes no período pós-isolamento social, tanto quanto as soluções práticas para diminuir esses impactos.

Diversos problemas elencaram os impactos previstos pelo autor, entre eles: a falta de equipamento adequado para que os alunos participassem das aulas remotas, da mesma forma que a desmotivação e falta de interesse por parte dos estudantes. Isso talvez ocorra por falta de apoio, incentivo e ajuda no seu processo de aprendizagem no âmbito familiar. Diante disso, é possível verificar que a preocupação de Lopes (2020) era totalmente compreensível, pois o ensino remoto aumentou cada vez mais esse desnível de aprendizagem entre os alunos de uma mesma turma.

Portanto, diante desse cenário, algumas instituições de ensino adotaram medidas para minimizar esses problemas relacionados com a aprendizagem dos alunos que surgiram no pós-pandemia, a exemplo do programa de reforço escolar para alunos com sérios problemas no nível de conhecimento exigido para a série em curso. Esse reforço permanece ativo em muitas escolas no Brasil afora como estratégia para driblar as lacunas sentidas pelo distanciamento social entre aluno e sala de aula.

### **3 LETRAMENTO NA PRIMEIRA SÉRIE DO FUNDAMENTAL II: A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA O DESENVOLVIMENTO DE HABILIDADES NO ALUNO DO 6º ANO**

Início apresentando o conceito de Letramento em Magda Soares, quando ela diz que:

Aqueles que priorizam, no fenômeno do letramento, a sua dimensão social, argumentam que ele não é um atributo unicamente ou essencialmente pessoal, mas é, sobretudo, uma prática social: letramento é o que as pessoas fazem das habilidades de leitura e de escrita, em um contexto específico, e como essas habilidades se relacionam com as necessidades, valores e práticas sociais. Em outras palavras, letramento não é pura e simplesmente um conjunto de habilidades individuais: é o conjunto de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita em que os indivíduos se envolvem em seu contexto social (SOARES, 1998, p.72).

E, em sendo assim, a meu ver, a educação de qualidade inicia-se, desde a Educação Infantil, com o trabalho com as múltiplas linguagens nas quais o Letramento se faz presente. Logo após, dá continuidade nos anos iniciais do ensino fundamental, de modo que o aluno chegue ou possa chegar ao ensino fundamental II letrado, pois saber ler e escrever não significa que o sujeito está letrado para se

relacionar, autonomamente, em sociedade. Por isto surge o letramento escolar: para torná-lo capaz de ser autor de sua própria vida socialmente.

Em relação às aulas de Língua Portuguesa, Nessa perspectiva, a língua Portuguesa é uma disciplina de suma importância para a vida do estudante, porque se trata de envolver atividades capazes de promover a socialização do aluno, prepará-lo para viver em sociedade e praticar a cidadania, assim como desenvolver habilidades individuais da pessoa humana, propondo autonomia intelectual, além de aprimorar o raciocínio, a imaginação, a capacidade de pensar criticamente e de atribuir sentidos e significados às questões voltadas ao ambiente escolar e aos acontecimentos relacionados a sua vivência.

Sobre a importância da Língua Portuguesa no ensino, o Art. 22 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, (LDBEN), nº 9.394/96, determina que a educação básica (ensino fundamental e médio) tem por finalidade: “desenvolver o educando, assegurando-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer meios para progredir no trabalho e em estudo posterior.”

Sendo assim, fica evidente que a forma de ensino e aprendizagem da disciplina citada ocorre de maneira integrada, buscando sempre desenvolver, refletir, criar e dominar habilidades, competências e capacidades de interação, pois os estudantes precisam dominar a linguagem, que é um meio indispensável para o convívio em comunidade.

Ou seja, leva-se em consideração a língua como prática de convívio social, não apenas como mero instrumento de comunicação. Nesse sentido, Silva e Souza (2017) comentam que:

Assim, levando em outra a necessidade de compreender a língua como constituinte de identidade e da dinâmica social, e como forma desse acesso e produção de conhecimento, que se realizadas na sociedade letrada, predominante através da escrita contribuindo para entre outros fatores, o desenvolvimento de estudos e a qualificação de trabalhos; e, considerando a responsabilidade ética e dimensão estética dos usos sociais da linguagem verbal, torna-se necessário que o objetivo do ensino de língua portuguesa na escola se dirija para a ampliação das atividades verbais do aluno, para as diversas situações e interação social, por meio do desenvolvimento de competência e habilidade relacionadas ao uso de expressões orais e escritas a reflexão sobre a língua, inclusive na sua dimensão estética-literária (SILVA; SOUSA, 2017).

Logo, fica evidente que as aulas de Língua Portuguesa objetivam desenvolver habilidades essenciais para vida em comunidade dos jovens alunos, isto é, busca formar alunos capazes de argumentar, refletir criticamente sobre o que leem e escrevem para conseguirem usar a língua materna corretamente na modalidade escrita e na oral. É nesse sentido que os conteúdos do componente curricular citado há pouco, principalmente no que tange à leitura e à escrita, são fundamentais para que o jovem/aluno seja inserido na vida em sociedade.

### **3.1 Leitura**

Início trazendo um dos inúmeros conceitos de leitura que está presente nos estudos voltados à leitura. Por entender que:

A leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados. Segundo a bela imagem de Michel de Certeau, o leitor é um caçador que percorre terras alheias. Apreendido pela leitura, o texto não tem de modo algum – ou ao menos totalmente – o sentido que lhe atribui seu autor, seu

editor ou seus comentadores. Toda história da leitura supõe, em seu princípio, esta liberdade do leitor que desloca e subverte aquilo que o livro lhe pretende impor. Mas esta liberdade não é jamais absoluta. Ela é cercada por limitações derivadas das capacidades, convenções e hábitos que caracterizam, em suas diferenças, as práticas de leitura (CHARTIER, 2009, p. 77).

Desse modo, sabemos que a leitura é de suma importância na vida do aluno, visto que, por meio dela, é possível desenvolver o raciocínio, a capacidade de pensar, enriquecer o vocabulário e ampliar o conhecimento. Além disso, o ato de ler garante conhecimento e informações suficientes para a compreensão e a interpretação textual.

Sua prática é essencial no cotidiano, já que, por intermédio dela, é possível tornar-se um cidadão que tem consciência dos seus atos, bem como dos direitos e deveres cívicos. Para corroborar o que foi exposto, Silva (2015, p.9) reitera que “a leitura deve ser vista como uma habilidade que possa permitir aos indivíduos um leque de aberturas para o convívio social”. Além de termos consciência de que há uma infinidade de conceitos de leitura, com base em perspectivas diferentes, de modo que, defendendo, aqui, o conceito de leitura em Roger Chartier (2009, p.77), quando diz que “leitura é sempre apropriação, invenção, produção de significados”.

Para além disso, a meu ver, o hábito de ler precisa ser praticado diariamente, uma vez que é indispensável para o desenvolvimento, tanto do senso crítico, como do desenvolvimento da escrita e da interpretação textual, além de ampliar o nível de conhecimento do aluno. Araújo (1968, p. 10) assegura que “Ler bem é saber compreender. É extrair da página impressa todo o conhecimento, toda satisfação, toda a riqueza que a leitura possa proporcionar”. Ou seja: um leitor proficiente consegue compreender e atribuir sentido ao que lê e, ao adquirir esse hábito, passará a sentir prazer nas leituras.

Nesse sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) asseguram que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem, etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas. (PCN, 1998, p. 69)

Logo, a leitura é uma maneira de interagir entre texto e leitor. Com isso ocorre a construção de sentidos para o texto, ou seja, uma interpretação pessoal de quem está lendo. Para Koch e Elias (2012):

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos. (...) a leitura é uma atividade na qual se leva em conta as experiências e os conhecimentos do leitor; a leitura de um texto exige do leitor bem mais que o conhecimento do código linguístico, uma vez que o texto não é simples produto da quantificação de um emissor a ser decodificado por um receptor passivo (KOCH e ELIAS, 2012, p. 11).

Desta forma, quando o indivíduo realiza uma determinada leitura, ele não dialoga apenas com o escritor, mas também com outros textos lidos antes. Sendo

assim, colocará em prática seu entendimento sobre o assunto, bem como o conhecimento de mundo adquirido ao longo da vida. Se o aluno for incentivado a ler diariamente, ele poderá ler de forma adequada e será capaz de interpretar um texto ou uma obra, aferindo-lhe sentido, desenvolvendo, assim, seu intelecto.

Portanto, é preciso incentivar a leitura, por entender que é imprescindível que os discentes possam despertar o interesse para que esta venha contribuir, não só para formar o leitor, mas, ao mesmo tempo, para desenvolver a aprendizagem do sujeito-leitor. Sendo assim, entender que o hábito de ler é indispensável para qualquer área do conhecimento é primordial - principalmente para o desempenho de uma escrita eficiente, visto que a leitura e a escrita são conhecimentos que precisam progredir juntos, pois um não existe sem o outro, uma vez que é através da leitura que se amplia, não só a inteligência, mas, sobretudo, o conhecimento para refinar as habilidades de escrita.

### 3.2 Escrita

A escrita tem um papel muito importante na formação do ser humano, uma vez que é a porta de entrada para o saber tecnológico, cultural e científico, bem como é fundamental para a interação dos indivíduos na sociedade, é através dela que os sujeitos se posicionam no contexto em que estão inseridos, demonstram suas ideias e opiniões. Logo, o ser humano precisa ter proficiência na interpretação, compreensão e conseguir produzir diversos gêneros discursivos.

Sendo assim, a escola tem um papel extremamente importante no desenvolvimento da escrita, visto que vamos à escola para ler e escrever, de modo que necessário se faz que a escola tenha consciência de que é através da escrita que o aluno fica apto a adquirir novas habilidades, como dominar a ortografia e escrever textos coesos e coerentes.

Um dos maiores problemas para um bom desenvolvimento da escrita é a falta de leitura, diante dessa informação Antunes (2003), assegura que:

[...] para escrever bem, é preciso, antes de tudo, ter o que dizer, conhecer o objeto o qual vai discorrer. O grande tempo destinado à procura de dígrafos, dos encontros consonantais, à classificação das funções do que e outras questões semelhantes (pobres questões!) poderia ser muito mais aproveitadas com a leitura e análise (diária!) de textos interessantes, ricos em ideias ou imagens, sejam eles literários ou não. (ANTUNES, 2003, p.70).

Desta forma, a escrita não deve ser desvinculada da leitura, visto que são práticas complementares, pois a partir da leitura é possível adquirir novas experiências e conhecimentos sobre diversos assuntos, o que acarretará em uma melhora na fala e conseqüentemente na escrita do indivíduo. Diante dessa afirmação Santos (2022, p.31), reafirma a importância da parceria entre a escrita/leitura, “a Escrita será resultado de Leituras – na maioria das vezes. Logo, um aluno que ler bem é provável que escreva bem. Dessa forma, vemos que não há como dissociar uma da outra, mas, sim, tê-las em parceiras em si mesmas”. Ou seja, essa complementação entre escrita e leitura é essencial para um melhor aprofundamento do conhecimento do aluno.

Em suma, a escola deve levar o aluno a perceber a relevância social da escrita, principalmente no contexto tecnológico em que estamos inseridos e que é primordial o uso da escrita. Da mesma forma, a instituição precisa influenciar o aluno



a ler diversos gêneros textuais, bem como escrever e reescrever textos diversos não apenas um tipo de texto específico com o intuito da escola participar de competições.

#### **4 METODOLOGIA**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa de base exploratória. De acordo com Arilda Godoy (1995, p. 21), a pesquisa qualitativa “ocupa um reconhecido lugar entre as várias possibilidades de se estudar os fenômenos que envolvem os seres humanos e suas intrincadas relações sociais, estabelecidas em diversos ambientes”. Apoiados no que a autora supracitada define, um fenômeno é melhor compreendido se estiver presente no contexto do qual faz parte. Ele precisa ser analisado em uma perspectiva integrada, partindo, assim, da visão dos sujeitos envolvidos nesse fenômeno, levando sempre em consideração as opiniões pertinentes e, a partir daí, são coletados e analisados vários tipos de dados para que se entenda o funcionamento do fenômeno pesquisado.

A pesquisa exploratória, de acordo com Gil (2008), tem como principal objetivo desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, levando em consideração a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para as futuras pesquisas. Nas palavras do pesquisador, Gil (2008, p. 27) comenta que as “pesquisas exploratórias são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. O autor reitera que esse tipo de pesquisa é elaborado principalmente quando o tema selecionado é pouco explorado e, por isso, difícil, ou até impossível de se formular hipóteses precisas.

Para realização desta pesquisa, foi utilizado, como instrumento para coletar os dados, um questionário para os professores do componente de Língua Portuguesa que atuaram nas turmas do 6º sexto ano do ensino fundamental II, no ano letivo de 2022, em uma escola municipal da cidade de Pedra Lavrada-PB.

O questionário foi aplicado em 20 de outubro de 2022, com um prazo de 20 dias para que os docentes mandassem o questionário devidamente respondido. Para responder o questionário, os docentes não precisavam se expor. Visando preservar suas identidades, identificamos os sujeitos com nomes fictícios.

Elaboramos um questionário cujo foco é a visão do professor referente ao ensino de Língua Portuguesa no pós-pandemia. Ele contém um total de 5 (cinco) perguntas. Todas as questões são abertas e necessitam que o professor justifique seu ponto de vista. Entrei em contato com quatro professores via Whatsapp, eles se prontificaram a participarem da pesquisa respondendo ao questionário, então dia 20 de outubro enviei pelo mesmo aplicativo de mensagens instantânea o questionário em formato de word, com intuito dos entrevistados responderem e me enviarem dentro do prazo previsto, porém apenas dois professores cumpriram com o prazo pré-estabelecido.

Nosso objetivo nunca foi o de menosprezar ou rebaixar o ensino remoto emergencial, visto que a educação brasileira já enfrentava problemas antes da pandemia. E o ensino remoto emergencial foi a alternativa encontrada para que a educação não ficasse estagnada durante os dois anos da pandemia. Portanto, buscamos compreender o nível de conhecimento adquirido pelos alunos oriundos do ensino fundamental I, que ocorreu por meio das aulas remotas, com isso, tentamos investigar a partir do ponto de vista dos docentes as dificuldades dessa turma no âmbito da leitura e escrita.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Interessada em compreender como o docente enxerga o ensino nesse momento de volta ao ensino presencial, nossa primeira pergunta versa sobre os problemas da vida docente no pós-pandemia e contemporâneos. Em resposta, os professores **José e Amélia**<sup>5</sup> responderam

**Pergunta 1: “Qual o maior problema enfrentado pelos docentes nesse cenário de pós-ensino remoto? Como você enxerga a educação brasileira nos dias atuais?”**

**JOSÉ:** Acredito que a maior dificuldade foi tentar ensinar o conteúdo previsto para a série, de maneira que eles entendessem, já que a pandemia eliminou fases do aprendizado essenciais nesses 2 anos longe da sala de aula física. Essas séries que foram engolidas pelo ensino a distância/ensino remoto/ensino híbrido destruíram esses aprendizados pré-iniciais que são fundamentais para adentrar à segunda fase. Atualmente, enxergo a educação brasileira em uma situação alarmante: alunos de determinada série com nível de entendimento e aprendizado de duas séries anteriores. Ou seja: eles pararam no tempo, e isso é por conta desses meses afastados do ensino face a face. Infelizmente, os efeitos dessa pandemia serão duradouros, até se recuperar consideravelmente esse cenário atual.

**AMÉLIA:** A falta de apoio dos familiares nas atividades escolares e a defasagem na aprendizagem dos alunos. Enxergo com pessimismo, pois diante desse cenário é preciso inovar com novas práticas pedagógicas, porém não temos subsídios suficientes nas escolas públicas.

No primeiro momento dessa entrevista, os professores apresentaram seu ponto de vista em relação ao ensino atual, ou seja, pós-ensino remoto. Com relação aos problemas, atualmente, enfrentados pelos docentes, podemos perceber que ensinar o conteúdo presente nos documentos oficiais para a série em curso é considerado uma grande dificuldade, haja vista a(s) lacuna(s) no ensino/aprendizagem deixada pela pandemia.

Tendo em vista que os alunos, geralmente, recorrem aos conhecimentos prévios das séries anteriores que ocorreram no formato remoto, sendo que alguns alunos, por diversos problemas, não conseguiram acompanhar as aulas online e, isso acarretou um desnível de aprendizagem de uma mesma turma. Outra dificuldade diz respeito à falta de apoio e da participação da família no aprendizado do aluno. Nesse sentido, Rêgo (2022) entende que:

O isolamento social incumbiu muitos pais à tarefa de serem mais atentos e participativos na aprendizagem dos filhos, o que não é uma tarefa tão fácil, levando em consideração o fato de que muitos trabalham, sendo necessário refazer uma rotina diária” (RÊGO, 2022, p.18)

<sup>5</sup> Nomes fictícios neste trabalho. (GRIFOS MEUS).

Desse modo, as aulas virtuais exigiram a participação dos pais no ensino dos filhos, com isso muitos precisaram adaptar sua rotina para conseguir dar suporte aos filhos nas atividades, outros pais não conseguiram participar ativamente do aprendizado dos filhos, mesmo diante desse novo formato de ensino, seja por falta de escolaridade ou por falta de tempo. O que acarretou uma defasagem e desmotivação por parte de alguns alunos, hoje percebemos a falta que esse apoio fez.

No que se refere à perspectiva do professor quanto a educação brasileira contemporânea entendemos que ambos têm uma visão negativa.

O professor José relata que enxerga o atual momento da educação brasileira em uma situação alarmante, em virtude de os alunos estarem com o nível de aprendizagem de duas séries a menos. Segundo o entrevistado, os alunos “pararam no tempo”. Ele acrescenta que esse fato ocorreu por causa do fechamento das escolas causado pela pandemia, que dissipou o ensino. No entanto, discordo da visão do professor José porque a pandemia foi um momento histórico no qual as pessoas estavam muito mais preocupadas com a sua subsistência, assim como a de sua família e amigos, portanto, os alunos não pararam no tempo, de forma irresponsável, a situação exigia deles outro tipo de foco.

Sabemos que, não só a educação sofreu um impacto muito forte ocasionado pela pandemia, que pode ser avaliado por vários ângulos, entre eles: de aprendizagem, psicológicos, bem como a expansão das desigualdades. Todos esses pontos influenciam o presente e o futuro desses jovens alunos, principalmente os que foram vítimas de uma formação precária via ensino remoto. Nesse sentido, Silva (2022, p.26) afirma que “a educação brasileira está fragilizada e aponta para uma reconstrução muito difícil, retardando ainda mais o processo educacional no Brasil”. Nesse sentido, a pandemia acelerou ainda mais os problemas educacionais do país e acarretou um retrocesso que será difícil de recuperar, visto que já existiam problemas na área educacional e os governantes não investiam adequadamente para que houvesse o desenvolvimento do ensino brasileiro.

A professora Amélia explica que enxerga o atual momento educacional com pessimismo. Ela alega que para obter resultados positivos é preciso inovar as práticas pedagógicas, porém os docentes enfrentam enormes obstáculos, pois a escola pública não oferece subsídios necessários para adoção de novos mecanismos de ensino. No que concerne a falta de subsídios para os professores da escola pública citado pela entrevistada, Silva (2022), explica que:

e os interesses econômicos acabam prevalecendo, interesses do sistema financeiro como um todo, a aprovação da Emenda Constitucional 95/2016 é uma das consequências desses interesses nefastos. Por 20 anos, iniciado em 2017, a emenda constitucional congelará os gastos com educação, impedindo investimentos públicos, conduzindo essa limitação até 2037. (SILVA,2022, p. 26)

Desse modo, é notório a falta de apoio do poder público, sobretudo do governo federal, um governo de retrocesso, um governo neoliberal, que não tem interesse em investir em educação. E, por essa razão, piorou, consideravelmente, essa área, que é a educação, já que esta afeta diretamente o ensino/aprendizagem, haja em vista que o professor não tem incentivo, nem local de trabalho digno. Nessa perspectiva Silva (2022, p 25) afirma que “congelar investimento em educação é retroceder anos de luta por uma sociedade igualitária, que congrega uma educação também igualitária, digna, integrativa e de acessibilidade”.

Em relação à segunda pergunta feita aos sujeitos da pesquisa, os entrevistados responderam:

**Pergunta 2: “Você considera que tivemos, pelo menos, algum avanço nesse tempo de ensino remoto? Em afirmação ou negação, explique por quê.”**

**JOSÉ:** De jeito nenhum! Pelo contrário: nós tivemos um retrocesso gigante. Embora ninguém tivesse noções de cuidado individual e coletivo, o Ministério da Saúde também não tinha ideia do que era o real problema, o mais adequado seria ter continuado o ensino presencial com as devidas proteções. No entanto, como não sabíamos de como tudo ia ocorrer, de quanto tempo isso ia durar, fica apenas no imaginário as possibilidades mais adequadas que o sistema educacional poderia ter tomado. Como não tivemos essas alternativas mais brandas, hoje colhemos os frutos de atos mais bruscos e que resultaram em consequências severas que serão sentidas por um prazo longo – bem longo.

**AMÉLIA:** Sim, porque mesmo diante das dificuldades os alunos que tiveram o acompanhamento dos familiares e os meios tecnológicos exigidos no ensino remoto conseguiram aprender, já os que não foram acompanhados praticamente ficaram estagnados na série do ensino presencial.

Na segunda pergunta, os docentes demonstraram opiniões divergentes, visto que o professor José afirma que não houve nenhum avanço no ensino, pelo contrário, houve um retrocesso. Ele acredita que o fechamento das escolas foi uma medida extrema, que as escolas poderiam continuar as aulas presenciais com todos os cuidados sanitários previsto pela Organização Mundial da Saúde (OMS), muito embora ele reconheça que o momento era de incertezas e, como não se encontrou soluções capazes de deixar as aulas ocorrerem presencialmente, foi obrigado efetuar a suspensão das aulas.

Em vista desse cenário Arruda (2020), declara que:

O ineditismo deste confinamento gerou desconforto em inúmeros atores sociais, pois o desconhecimento a respeito do novo coronavírus não permite o desenvolvimento de planejamento para acolhimento dos sujeitos envolvidos nesse novo contexto educacional. Isso acontece porque o fluxo da pandemia não permite que sejam tomadas decisões a médio prazo, em geral, governos do mundo inteiro precisam tomar decisões que podem durar um dia ou menos, a depender dos resultados de contaminação e mortes em cada país. (ARRUDA,2020, p.259).

Ou seja, a pandemia gerou medo e incertezas na sociedade. Ela acarretou um evento inédito, o isolamento social, que gerou o fechamento e novas formas de funcionamento em todos os setores. Portanto, a escola, diante da alta transmissibilidade do novo coronavírus, passou a ser um lugar de possível contágio, por isso a educação precisou migrar do ensino presencial para o ensino remoto emergencial. Sendo assim, professores, alunos e familiares foram pegos de surpresa e todos precisaram aprender a usar as tecnologias como ferramenta de

ensino e aprendizagem na prática, sem tempo para preparação ou acolhida aos alunos.

Já a professora Amélia acredita que houve um avanço, pois o ensino remoto surgiu como alternativa para manter o ensino em funcionamento, caso contrário a educação estaria estacionada em 2020. Ela afirma que os alunos cuja família prestou total assistência aos estudos e conseguiu, na medida do possível, disponibilizar equipamentos adequados e acesso à internet para as aulas on-line tiveram um avanço significativo. De acordo com Rêgo (2022) :

O processo de ensino e aprendizagem não pode ser tarefa exclusiva da escola, entende-se que essa parceria entre família e escola deve ser constante, afinal ambas, têm o mesmo objetivo: O de contribuir com o desenvolvimento dos seus alunos/filhos para que esses, possam ter a oportunidade de continuar a desenvolver suas atividades e adquirir os conhecimentos necessários, quer seja nos ambientes virtuais ou presenciais. A Educação não acontece sozinha, é uma ação de muitos atores, e nela estão envolvidos, escola, professores, alunos e as famílias; e diante desses desafios nunca antes enfrentados, percebe-se que, somente com o envolvimento e participação de todos será possível atingir os objetivos esperados. (RÊGO, 2022, p.11).

Ou seja, durante o contexto pandêmico, o qual trouxe inúmeros desafios para a educação, a participação dos pais no processo de ensino/aprendizagem foi de suma importância. Portanto, ficou evidente que quando a família participa e interage com a escola os resultados são positivos.

O setor educacional foi o mais afetado durante o distanciamento social. Com a suspensão das aulas e o esvaziamento das instituições de ensino, alunos do mundo todo ficaram sem aula. Por isso, o ensino remoto foi adotado como “[...] solução temporária e emergencial, tendo por finalidade minimizar os impactos nos processos de ensino e aprendizagem em tempos de crise, estas modalidades se misturaram.” (ALVES; MARTINS; MOURA, 2021, p. 64).

Dificuldades e desafios sempre fizeram parte da realidade da educação do país, dentre elas encontramos: elevados índices de evasão escolar, falta de formação continuada para os professores, bem como baixa remuneração, deficiência na infraestrutura física e material das escolas. Sendo assim, a pandemia antecipou e evidenciou ainda mais os problemas existentes na educação brasileira e as desigualdades sociais do país.

É nesse sentido que Honorato e Nery (2020, p. 6) asseguram que “o déficit digital aumentou as desigualdades; as diferenças intrafamiliares também reforçaram essa desigualdade”, pois muitas famílias, além de não ter acesso aos equipamentos digitais, também não incentivavam ou até mesmo não conseguiam ajudar os alunos nas atividades que a escola produzia para os alunos sem internet (os que fizeram usos de cartilhas). O apoio da família, nesse momento, era indispensável, por isso Ferreira (2020) assegura que a participação dos pais na vida escolar dos filhos é, sem dúvida, muito importante e o ensino remoto proporcionou esse contato direto com a metodologia de ensino/aprendizagem dos seus filhos.

Diante desse cenário, o parecer CNE/CP N 11 evidencia que diversos fatores afetaram drasticamente o ensino durante o período caótico vivenciado na pandemia, gerando, assim, um retrocesso na educação brasileira:

[...] é preciso considerar um conjunto de fatores que podem afetar o processo de aprendizagem remoto no período de isolamento da pandemia, tais como:

as diferenças no aprendizado entre os alunos que têm maiores possibilidades de apoio dos pais; as desigualdades entre as diferentes redes e escolas de apoiar remotamente a aprendizagem de seus alunos; as diferenças observadas entre os alunos de uma mesma escola em sua resiliência, motivação e habilidades para aprender de forma autônoma on-line ou off-line; as diferenças entre os sistemas de ensino em sua capacidade de implementar respostas educacionais eficazes; e as diferenças entre os alunos que têm acesso ou não à internet e/ou aqueles que não têm oportunidades de acesso às atividades síncronas ou assíncronas. Todos esses fatores podem ampliar as desigualdades educacionais existentes. (BRASIL, 2020, p. 2).

Portanto, é notório que as aulas no formato remoto foram significativas para o desempenho do ensino, caso contrário a educação estaria estagnada em 2020 - muito embora esse formato tenha sido segregador. Essa foi a única alternativa viável para manter a educação em exercício. Dessa forma, os alunos que foram bem assistidos e que tiveram as tecnologias fundamentais para as aulas conseguiram adquirir as habilidades exigidas para a série em curso. Porém, os alunos que foram menos assistidos e que não conseguiram acompanhar as aulas on-line, dispuseram de uma aprendizagem muito inferior aos demais. Diante desse cenário, foi comprovado que existiram diversos fatores que contribuiriam para o retrocesso perceptível atualmente no ensino de alguns alunos do sexto ano.

Quanto à terceira pergunta feita aos docentes, questionamos:

**Pergunta 3: A turma do 6 ano, na qual, hoje, você é professor (a), do seu ponto de vista docente, tem um perfil de aluno que estaria preparado para migrar do ensino fundamental I para o ensino fundamental II? (Explique sua afirmação)”.**

**JOSÉ:** Não posso generalizar: alguns, sim. Há alunos que têm uma facilidade para entender a matéria, embora com suas dificuldades normais para sua faixa etária, por questões do assunto às vezes...e por aí vai. Esse número de alunos com problemas, pelo menos nas turmas que peguei, não achei tão considerável assim. Embora não seja um número alarmante de alunos com problemas, tem uma quantidade significativa que tem uma dificuldade gritante. Muito preocupante mesmo. Automaticamente, eu já associo ao ensino a distância/remoto/híbrido – todos esses deixaram lacunas na educação. Mas além do ensino remoto, não podemos esquecer da realidade da qual esses alunos vieram. Muitas vezes, dei aula a aluno que veio sujo, com caderno rasgado – ou, às vezes, até sem caderno. Então, devo também entender o lugar de onde vem esse sujeito, porque isso também contribui para o despreparado e desinteresse nos estudos.

**AMÉLIA:** Do meu ponto de vista alguns alunos estariam preparados para migrar do ensino fundamental I para o ensino fundamental II, já outros não.

Em relação à terceira pergunta, ambos responderam que alguns alunos estão preparados para migrar do fundamental I para o II, enquanto outros não estariam. Sendo assim, quando a transição dos alunos não ocorre de maneira segura, ao ingressar no sexto haverá uma diminuição no seu rendimento, acarretando uma

redução na aprendizagem, o que pode implicar em uma baixa estima na vontade de aprender e no desinteresse em participar ativamente das aulas. Então, é evidente que uma alfabetização deficitária gera consequências que podem acompanhar o indivíduo pelo resto da vida.

Além disso, José explica que é necessário levar em consideração o contexto social em que o aluno está inserido, haja vista sua influência no comportamento do indivíduo. Tendo em vista, a perspectiva de Paulo Freire (1996) é preciso discutir os problemas vivenciados por eles. Além disso, é preciso aproximar a metodologia de ensino com a experiência social dos discentes, ou seja, o professor precisa desenvolver práticas pedagógicas que se aproximem da realidade do aluno.

A mudança do ensino fundamental I para o II é uma etapa muito importante na vida do estudante e que, muitas vezes, é considerada difícil, visto a dificuldade de se adaptar à nova rotina de estudos, à carga horária diferente, bem como a quantidade de professores que passa a ser um para cada disciplina. Assim sendo, é dever da escola preparar o aluno para essa transição ainda no quinto ano. Portanto, para o aluno chegar ao sexto ano, ele precisa estar totalmente ambientado para a nova rotina e está devidamente alfabetizado.

À vista disso, baseados na ideia de Reinaldo (2020) que as adversidades na transição somada ao histórico escolar que os estudantes possuem advindos do nosso sistema de educação carente, introduz alunos no sexto ano do ensino fundamental com diversos déficits, entres eles: analfabetismo funcional, dificuldade em leitura e escrita e com problemas na comunicação.

Por isso, verificamos alunos na turma do sexto ano com sérios problemas no aprendizado, visto que são oriundos do ensino remoto, momento no qual os alunos que vivem em situação precária e sem acesso à internet tiveram dificuldades com as aulas virtuais e no modo de acessá-las. Hoje, como resultado, temos alunos cujo domínio da escrita e leitura são preocupantes.

Logo, é evidente que as dificuldades reveladas pelos alunos no momento de transição do ensino fundamental I para o fundamental II têm potencial para desenvolver dúvidas e inseguranças quando eles mudarem para o sexto ano, fato que acarretará problemas no progresso do aprendizado. Diante desse cenário, apoiados no que Reinaldo (2020) define, fica evidente que, para superar esses problemas, é essencial que o professor do sexto ano faça uso de novas estratégias e métodos que busquem a interação desses alunos, tendo em vista o desenvolvimento dos mesmos a partir de diversas leituras.

Portanto, essas turmas do sexto ano em curso em 2022 passaram por drásticas mudanças, visto que a turma estudou os dois últimos anos do ensino fundamental I no formato remoto e quando voltaram para o ensino presencial, mudaram para o fundamental II, por isso, o docente precisa levar em consideração essas mudanças e demonstrar afetividade para com seus alunos, pois essas mudanças podem afetar o processo de aprendizagem.

Nossa quarta pergunta foi uma sondagem para verificar o nível de letramento da turma. Como respostas:

**Pergunta 4: Como você classifica o nível de letramento de seus alunos do sexto ano? Eles conseguem ler para além do texto pelo**

**menos em uma proporção significativa? Em caso negativo, você também atribui essa lacuna aos efeitos do ensino remoto?”**

**JOSÉ:** Com relação ao letramento, todos eles têm dificuldades significativas, embora eu também entenda por conta da faixa etária, da familiarização com um novo momento para eles, que é a segunda fase, tudo novo. Eu diria que eles estão em um nível até satisfatório, principalmente se formos levar em consideração as brechas que o ensino a distância/remoto/híbrido deixou nesses meninos e meninas. Poderiam estar piores, mas estão até relativamente bem. As leituras, no 6 ano, eram relativamente compreendidas, até porque os textos eram escolhidos pensando em uma maior assimilação do conteúdo. Diante das discussões, mesmo com algumas dificuldades, eles conseguiam trazer seus entendimentos do texto para além do que estava à margem das palavras. No entanto, tive, sim, alunos com nível de letramento zero. Jamais conseguiriam ir além do que estava exposto no texto. Esses, como já comentei em outras respostas, têm características que talvez expliquem essas dificuldades: ensino remoto, família despreocupada com o aprendizado do(a) filho(a) etc.

**AMÉLIA:** Alguns alunos conseguem ler, compreender e interpretar, mas outros apenas decodificam as palavras. Com certeza, essa lacuna é decorrente do ensino remoto.

No que concerne a quarta pergunta, o docente José respondeu que os discentes têm dificuldades significativas no âmbito da leitura, muito embora ele afirme que leva em consideração a faixa etária e as mudanças ocorridas no ensino. O entrevistado afirmou que essa turma de sexto ano está em um nível de aprendizado de leitura satisfatório, visto que eles advêm do ensino remoto, o qual deixou lacunas na educação brasileira. José explicou que utiliza textos adequados para a faixa etária, e que a turma consegue assimilar o conteúdo, além de participarem ativamente das discussões que induz a interpretação textual, assim conseguem ir além do que estava escrito no texto.

O professor cita que há alunos que não conseguem ler o texto escrito, de modo que, provavelmente, por não saber lê-lo não atribuem sentido ao texto. Sendo assim, Pacheco e Ataíde (2013, p. 4), afirma que “é cada vez mais frequente entre os estudantes ler e não entender, ter dificuldades de comentar o que leu, não conseguir passar sua opinião sobre filmes, músicas e textos”. Ou seja, não é de hoje que os alunos têm dificuldades na leitura, porém, depois desse período com as escolas fechadas e os alunos estudando no formato remoto, os que não foram bem assistidos e que a família não participou, não cobrou tanto, o desempenho foi baixo e acarretou sérios problemas no desempenho das aulas de leitura.

A professora Amélia alega que alguns alunos conseguem ler, compreender e interpretar, enquanto outros apenas codificam as palavras. Ela atribui esse déficit aos efeitos do ensino remoto, o qual foi visto pelo Ministério da educação como uma alternativa para que a educação não ficasse estagnada. Contudo, esse modelo de ensino escancarou problemas antigos na educação brasileira, entre eles o baixo nível de leitura e interpretação textual dos alunos do sexto ano.



Ainda sobre as respostas dos docentes, os entrevistados afirmaram que em suas turmas têm alunos que conseguem ler e atribuem sentido ao texto; outros conseguem ler além do que está escrito, enquanto alguns apenas decodificam as letras. Com base nesse contexto, Silva (2020, p.12) argumenta que “a leitura não se limita apenas à decodificação de símbolos linguísticos, implica interpretar, compreender os sentidos do texto”. Sendo assim, ao ler um texto o leitor deve apreender e atribuir sentido, não apenas decifrar os códigos linguísticos sem compreender o significado dos mesmos.

Sabemos que a leitura é essencial para a aprendizagem das outras áreas do conhecimento. Nesse sentido, de acordo com Antunes (2003, p.20), “com enormes dificuldades de leitura o aluno se vê frustrado no esforço de estudar outras disciplinas, e quase sempre, “deixa” a escola com a quase inabalável certeza de que é incapaz, de que é linguisticamente deficiente, inferior [...]”. Portanto, cabe ao ambiente escolar priorizar e proporcionar o ensino da leitura, que é essencial para a produção de novos conhecimentos, além de alavancar a melhora da escrita, do vocabulário e da oralidade do aluno.

Na nossa quinta e última pergunta, buscamos investigar o nível de conhecimento dos alunos do sexto ano no âmbito da escrita. Os profissionais apresentaram as seguintes respostas:

**Pergunta 5: A nível de escrita, como você classifica o nível de seus alunos do sexto ano? Eles têm domínio significativo da modalidade escrita da língua? Em caso negativo, você também atribui aos efeitos do ensino remoto?”**

**JOSÉ:** O nível de escrita deles é péssimo. Contraditoriamente, eles entendem o texto até bem, mas escrevem muito mal. Um dos erros mais grotescos que notei foi a falta de noção para fazerem espaços para parágrafos. Além disso, não iniciam frases com letras maiúsculas, sequer o próprio nome na lista de presença. Se fosse para atribuir uma pontuação, eu diria 3 para todos. E sim, acho que a pandemia piorou o que já tínhamos como problema, porque é normal eles não dominarem 50% da escrita, mas no modo grotesco que vi, posso dizer que o ensino remoto foi um intensificador desse problema, sim.

**AMÉLIA:** Quanto ao nível da escrita é do mesmo modo da compreensão e interpretação. Alguns têm domínio significativo da escrita, outros estão no nível silábico. Isto também é atribuído aos efeitos do ensino remoto.

No que diz respeito ao nível de escrita da turma do sexto ano, os professores atribuem os problemas ao ensino remoto. O professor José explicou que notou erros grotescos na escrita dos seus alunos do sexto ano, contudo, eles conseguem entender o texto, porém a escrita é péssima. Ele notou que alunos do sexto ano não colocam espaço para definir o parágrafo, muito menos inicia com letra maiúscula. Segundo o profissional, até o próprio nome é escrito em letra minúscula.

Sobre esses erros “grotesco” na escrita, como adjetiva o professor José, não se tem como esperar, obviamente, um domínio pleno da norma-culta da língua, porque o aluno vem para a escola para aprender e, o pior, sobretudo, quando advém de um ensino da pós-pandemia COVID19. Assim como, advindo de um público cujas

dificuldades foram mais ampliadas por conta do cenário do ensino remoto. No que diz respeito à ortografia, Carraher (1985, p. 38) declara que “os erros revelam as dificuldades e as soluções criadas pelos alunos para escrever palavras cujas grafias não estão familiarizados, [...] e funcionam como pistas para intervenção didática”. O autor considera que os erros são importantes para o processo de escrita, visto que o professor deve criar novas metodologias capazes de sanar esses erros. Com isso, o profissional deve partir do erro do aluno e refletir sobre esse erro.

Sendo assim, o ensino da ortografia precisa estar vinculado às competências e habilidades da compreensão textual. Dessa maneira, podemos aproveitar esse presente momento no qual esses meninos e meninas estão cometendo desvios gramaticais e de escrita para ajudá-los a entender como funciona nossa língua na modalidade formal e, assim, evitar com que eles repitam os mesmos problemas.

Nesse aspecto Antunes (2003, p. 161), considera que “a simples caça ao erro apenas mostra que não se conseguiu fazer nada, o professor deve saber lidar com ele, saber interpretá-lo é que vai levar ao progresso. O erro do aluno serve para mostrar onde o professor está errando”. Sobretudo, quando se admite que, até o professor erra e/ou talvez, se confunda. Por essa razão, então, os erros apontam o trajeto a seguir rumo a reconstrução da escrita dos alunos. Porém, é essencial que o docente esteja atento e apto a ajudar o discente a melhorar, levando sempre em consideração que é preciso trabalhar esse erro, e não apenas corrigi-lo no texto do aluno.

Quanto à resposta da professora Amélia, ela traz uma informação preocupante: é alegado que, nas suas turmas do sexto ano, existem alunos que ainda se encontram no nível silábico. Contrariamente aos fatos, no ensino fundamental I, a criança, ao aprender a escrever, passa por diversas etapas no aprendizado que compõem os níveis: silábicos, alfabéticos, para finalmente chegar ao nível ortográfico - que é quando a criança compreende adequadamente os fonemas de uma palavra e entende o valor das letras e sílabas.

Por isso, quando a professora diz que tem alunos no nível silábico, ela deixa claro que esses alunos ainda deveriam estar no processo de alfabetização, no ensino fundamental I, principalmente porque os mesmos ainda compreendem um dos primeiros níveis. Diante do exposto, Silva (2019) define o nível silábico como:

Nesse nível a criança descobre a lógica da escrita, percebendo a correspondência entre a representação escrita das palavras e as propriedades sonoras das letras, mas pensa que cada letra representada é uma sílaba oral, ou seja, escreve uma letra para cada emissão sonora (cada sílaba), tendo como estratégia atribuir a cada letra ou marca escrito (uma letra, pseudolettra ou até um número) o registro de uma sílaba falada, enxertando letras no meio ou final das palavras por acreditar que, assim, está escrevendo corretamente. (SILVA, 2019, p.14-15)

Logo, no nível citado, os alunos não têm autonomia para escrever nem ler corretamente. Assim sendo, esses alunos não estariam preparados para estarem em uma turma de sexto ano, pois ainda não estão devidamente alfabetizados.

Portanto, sabemos que sempre existiu problemas no setor educacional do país, sobretudo no âmbito da leitura e da escrita, porém, indubitavelmente, o ensino remoto acentuou ainda mais essa defasagem no aprendizado. Diante desse cenário, percebemos que a educação brasileira, bem como seus profissionais, tem um longo desafio pela frente: sanar esses déficits, o que, provavelmente, levará tempo. Assim, é essencial que o poder público invista em educação pensando em futuro próximo,

para que esses profissionais tenham como inovar as práticas pedagógicas para melhorar o desnível de aprendizagem percebida nesse momento de ensino presencial no atual ensino pós-pandemia.

## **6 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como este trabalho surgiu do interesse de se discutir sobre como foi a chegada desses alunos (do ensino remoto) para o sexto ano do Fundamental II, estudando 2 (dois) anos por uma forma de ensino emergencial, analisamos os efeitos desses anos de “educação remota” sob o ponto de vista de professores de Língua Portuguesa que observaram os reflexos desse pós-pandemia na Educação.

O objetivo deste estudo foi refletir acerca do ensino de Língua Portuguesa nas turmas do sexto ano do fundamental II na volta ao ensino presencial no ano de 2022 em uma escola municipal na cidade de Pedra Lavrada-PB. Para atingir esse propósito, foram entrevistados dois (2) professores dessas turmas no ano letivo de 2022. Verificamos, então, que o modelo de ensino adotado durante a pandemia foi essencial para manter a educação operante, pois, apesar dos problemas enfrentados, a educação conseguiu prosseguir, ou seja, os alunos acompanharam as aulas no ensino remoto e desenvolveram sua aprendizagem, ainda que com algumas limitações.

Além disso, diante dos dados coletados aqui, a partir das respostas dos professores, chegamos também à conclusão de que o ensino remoto evidenciou ainda mais as desigualdades sociais e econômicas existentes no Brasil, visto que muitos alunos não tinham sequer um celular com acesso à internet para assistirem às aulas on-line, o que acarretou problemas na aprendizagem, uma vez que notamos alunos no sexto ano do fundamental II com déficit na leitura e escrita. Lembrando que antes da pandemia a leitura e escrita já era uma preocupação na educação do país, pois os índices de alunos que não dominavam essas áreas no ensino fundamental II já era alarmante, com a pandemia esse problema aumentou drasticamente.

Nesse sentido, de acordo com os entrevistados, alguns discentes não poderiam sequer ter migrado para o fundamental II, pois ainda não estavam devidamente alfabetizados (preparação dada nas primeiras fases do Fundamental I). Vale salientar que a educação brasileira já enfrentava problemas, ou seja, não foi o ensino remoto que ocasionou apenas tornou cada vez mais explícito e piorou o quadro.

Porém, mesmo diante desses problemas, podemos considerar que essa forma de ensino a distância foi uma aliada para a educação, pois foi possível amenizar o grau de problemáticas que o isolamento social instaurou na sociedade, não só brasileira como no mundo todo.

Notamos a importância da parceria entre a escola e a família, pois os alunos que tiveram acesso às aulas on-line e uma família ativa no processo de ensino e aprendizagem conseguiram manter resultados satisfatórios no seu desenvolvimento.

Por conclusão final, entendemos que o ensino remoto teve seus problemas, contudo podemos considerá-lo um aliado, pois a educação conseguiu continuar em execução mesmo diante de uma pandemia mundial. Essa pandemia expandiu ainda mais os problemas presentes na educação brasileira e é provável que levará tempo e dedicação por parte dos profissionais da educação para melhorar esses déficits. Portanto, é preciso investimentos por parte do poder público para que esses profissionais tenham como investir em novas práticas pedagógicas para melhorar o

desnível de aprendizagem percebida nesse momento de ensino presencial no atual ensino pós-pandemia.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, L. A. S.; MARTINS A. C. S.; MOURA, A. A. **Desafios e aprendizados com o ensino remoto por professores da educação básica**. Revista Iberoamericana de Educación, v. 86, n. 1, p. 61-78, 15 de junho de 2021.
- ANTUNES, Irandé. **Aula de português – encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ARAÚJO, Maria Yvone Atalício: **Iniciação à leitura**. 1968. Editora vigília LTDA. Belo Horizonte ? MG.
- ARRUDA, E. P. (2020). **Educação remota emergencial: Elementos para políticas públicas no educacao brasileiro em tempos de Covid-19**. Em Rede-Revista de Educação à Distância, v. 7,n. 1, p. 257-275, 15 mai. 2020. Disponível > <https://doi.org/10.53628/emrede.v7.1.621>. Acesso em 17 de junho de 2022
- BEHAR. Patrícia Alejandra. **O Ensino Remoto Emergencial e a Educação a Distância Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)**. Faculdade de Educação e dos Programas de Pós Graduação em Educação e Informática na Educação, Porto Alegre, RS, publicado em julho de 2020. Disponível em [www.ufrgs.br](http://www.ufrgs.br). Acesso em: 19 de setembro de 2022
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Parecer nº 11, de 7 de julho de 2010**. Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 28. Disponível em > [portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007\\_10.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf). Acesso em: 12 de julho de 2022.
- CARRAHER, T. N. **Explorações sobre o desenvolvimento da competência em ortografia em português**. Psicologia: teoria e pesquisa, Brasília, v. 1, n. 3, p. 269-285. set. de 1985.
- CASTRO. Eder Afonso et al. **Ensino híbrido: desafio da contemporaneidade?** Periódico Científico Projeção e Docência. 2015; 6(2):47-58.
- CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: UNESP, 2009.
- FERREIRA, Patrícia Tocha. Uma Realidade das Escolas Particulares Perante a Pandemia da COVID-19. **Revista Gestão & Tecnologia**, Goiânia, v. 1, n. 30, p. 38-40, jan./jun. 2020.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995

HONORATO, Tony; NERY, Ana Clara Bortoleto. **História da Educação e Covid-19: crise da escola segundo pesquisadores africanos (Akanbi, Chisholm), americanos (Boto, Civera, Cunha, Kinne, Rocha, Romano, Rousmaniere, Southwell, Souza, Taborda, Veiga, Vidal) e europeus (Depaepe, Escolano, Magalhães, Nóvoa)**. Acta Scientiarum. Education. V.42; n.1. Disponível em > <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v42i1.54998>. Acesso em: 07 setembro de 2022.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 3ª ed. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.

LACERDA, Tiago Eurico de. (Org.); GREGO JUNIOR, Raul. (Org.). **As Percepções dos professores e alunos no contexto da pandemia de covid-19: uma revisão de literatura**. In.: LACERDA, Tiago Eurico de. (Org.); GREGO JUNIOR, Raul. (Org.). Educação Remota em Tempos de Pandemia: ensinar, aprender e ressignificar a educação. 1.ed. – Curitiba-PR: Editora Bagai, 2021.

LOPES, Paulo Cesar de Almeida Barros. **“A Covid-19, o retorno às aulas e o custo social do fechamento das escolas- o que pode ser feito?”** Educação Pública, vol. 20, n.29, 2020.

NUNES, K. S. C.; SANTANA, E.; NASCIMENTO, M. B. da C. **A relação entre a escrita e a funcionalidade da língua portuguesa**. Cadernos de Graduação - Ciências Humanas e Sociais, Aracaju, v. 2, n. 3, p. 75-85, mar. 2015. Disponível em: <<https://periodicos.set.edu.br/index.php/cadernohumanas/article/view/2007>>. Acesso em: 20 set. 2022.

PAULA, Andreia Piza de. De et al. **Transição do 5º para o 6º ano no ensino fundamental: processo educacional de reflexão e debate**. Revista Ensaios Pedagógicos, v. 8, n. 1, p. 33-52, 2018.

PCN. **Ministério da Educação: Parâmetros Curriculares Nacionais**. 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2022

RÊGO, L. K. P. do. **Discussões sobre o ensino remoto em tempos de pandemia: diálogos acerca da relação escola e família**. 2022. 25f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022. Disponível em> <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/26362>. Acesso em 13 de novembro de 2022.

REINALDO, Carollyne Shanazzy Gomes Bezerra. **Dificuldade de escrita e interpretação nas turmas do 6º ano do ensino fundamental: O histórico, os problemas e novas metodologias necessárias**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 03, Vol. 01, p. 175-183. Março de 2020. ISSN: 2448-0959

SANTOS, S. A. N. **"Abram as câmeras; estou com problemas na internet; estão me ouvindo bem?": perspectivas e desafios na Educação de Jovens e Adultos (EJA) em tempos de pandemia**. 2022. 51 f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Graduação em Letras Português).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2022. Disponível em >  
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/27716>. Acesso em 23 de fevereiro de 2023

SILVA, J. M. da. **Ensino de leitura e escrita: desafios e possibilidades**. 2015. 19f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2016. Disponível em >  
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/8919>. Acesso em 15 de outubro de 2022.

SILVA, J. R. da. **A educação: direito de todos e dever do Estado e da sociedade**. 2022. 29f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito)- Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2022. Disponível em >  
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/26306>. Acesso em 14 de outubro de 2022

SILVA, Paulo Cesar Garré; SOUSA, Antônio Paulino de. **Língua e Sociedade: influências mútuas no processo de construção sociocultural**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 10, n. 3, set/dez/2017.

SILVA, Roberta Brito da. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita dos alunos da escola pública municipal José Inácio Taveira – Fagundes/PB**. 2019. 28 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019 Disponível em >  
<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/21487>. Acesso em 25 de outubro de 2022

## APÊNDICES



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES (DLA)  
CENTRO DE EDUCAÇÃO (CEDUC)

Eu me chamo Adriana Márcia, sou estudante do curso de Letras Português, concluinte neste semestre de 2022.2. Esta pesquisa surge com a intenção de sondar a educação brasileira pensando no pós-pandemia nas turmas do 6º ano do ensino fundamental II de uma escola de ensino fundamental, localizada na cidade de Pedra Lavrada-Paraíba.

As suas respostas serão importantes para o entendimento dos problemas que surgiram no ensino após o período atípico que foi a pandemia do novo Coronavírus.

#### PERGUNTAS:

Na sua opinião:

- 1- Qual o maior problema enfrentado pelos docentes nesse cenário de pós-ensino remoto? E como você enxerga a educação brasileira nos dias atuais?
- 2- Você considera que tivemos, pelo menos, algum avanço nesse tempo de ensino remoto? Em afirmação ou negação, explique por quê.
- 3- A turma do 6º ano, na qual, hoje, você é professor (a), do seu ponto de vista docente, tem um perfil de aluno que estaria preparado para migrar do ensino fundamental I para o ensino fundamental II? ( Explique sua afirmação)
- 4- Como você classifica o nível de letramento de seus alunos do sexto ano? Eles conseguem ler para além do texto pelo menos em uma proporção significativa? Em caso negativo, você também atribui essa lacuna aos efeitos do ensino remoto?
- 5- A nível de escrita, como você classifica o nível de seus alunos do sexto ano? Eles têm domínio significativo da modalidade escrita da língua? Em caso negativo, você também atribui aos efeitos do ensino remoto?

#### AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a **Deus**, pela minha vida, por me proteger sempre nas viagens até a Universidade, e por me ajudar a vencer os obstáculos encontrados ao longo do curso.

A minha mãe, **Ana Maria**, que cuidou do meu filho, com isso sempre fui para a Universidade tranquila, pois meu filho estava muito bem cuidado e protegido.

Ao meu esposo, **Givaldo**, pelo seu amor e por ser meu maior incentivador.

Ao meu filho, **Francisco**, por me motivar a nunca desistir.

Ao meu amigo, **Alison**, que sempre me ajudou. Obrigada pela amizade incondicional e pelo apoio demonstrado ao longo de todo o período de tempo em que me dediquei a este trabalho.

A minha orientadora, Prof. **Socorro Moura Montenegro**, por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

Também quero agradecer à **Universidade Estadual da Paraíba-UEPB** pela qualidade e excelência do ensino.

A todos que me ajudaram, direta ou indiretamente, meu muito obrigada!